

A MORTE  
NA OBRA ROMANESCA DE LYA LUFT

Silvia Raquel Rocha\*

INTRODUÇÃO

Com este trabalho almeja-se abordar um tema que não permite, devido à sua produtividade e mistério, ser focado aqui em toda sua amplitude, mas que está presente na problemática de todo ser humano - a morte.

De todos os mistérios que cercam a existência humana, a morte é, com certeza, o que mais perturba e o que mais levanta questionamentos. Tanto é assim, que para ela já se voltaram estudos de vários ramos do conhecimento humano, tais como a Medicina, a Biologia, a Antropologia, a História, e a Religião. Sobre isso segue-se a abordagem do primeiro capítulo.

No segundo capítulo propõe-se um comentário sobre os receios e os mistérios que o tema evoca e as considerações de alguns estudiosos do comportamento humano, bem como direcionou-se o tema para o universo ficcional dos romances de Lya Luft.

No terceiro capítulo, encontra-se uma análise da sua obra romanesca, composta dos seguintes livros:

As parceiras (1980) - onde a protagonista retoma seu passado a partir da perda do filho.

A asa esquerda do anjo (1981) - onde o elemento desencadeador do enredo é a noite que Guisela destina ao parto da criatura que a habita e devora por dentro.

Reunião de família (1982) - onde a família reúne-se para resolver sobre a saúde de Evelyn abalada com a morte do filho.

O quarto fechado (1984) - obra em que tudo vai se desencadear a partir do velório do personagem Camilo.

Exílio (1988) - obra em que a autora diz ter colocado uma dose maior de esperança com relação à vida humana.

\*Acadêmica do Curso de Letras das Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul

## I - SOBRE A MORTE

Dentre as modificações que o homem sofre no decorrer da sua existência, duas mudanças se destacam pelo mistério: o nascimento e a morte. Esta última cercada por uma especial perturbação está sempre presente, em todos os momentos, nas mitologias, nas religiões, nos estudos científicos, nos rituais, no inconsciente ...

No século XIX, a pesquisa antropológica e histórica, preocupada em dissertar um pouco mais sobre o tema, principiou a montar a imagem do heroísmo, desde os tempos primitivos e antigos. O herói era o homem que podia ingressar no mundo dos mortos, dos espíritos e voltar vivo. A figura do herói deixou resquícios para os cultos misteriosos do Mediterrâneo Oriental, que eram cultos de morte e ressurreição. E como hoje sabemos da pesquisa sobre mitos e rituais antigos, o próprio cristianismo foi um concorrente dos cultos misteriosos e saiu vencedor, entre outras razões, porque também apresenta um "curandeiro" que se ergue dos mortos. O grande triunfo da Páscoa é o alegre brado: "Cristo ressuscitou!".

Todas as religiões históricas dedicam-se ao problema de como suportar o término da vida, numa tentativa de resolver o medo e a frustração decorrentes da morte, principalmente com relação à expectativa conflitante que diz respeito ao desconhecido, do que poderia ocorrer após a nossa existência. Alguns ritos que lidam com a morte, amenizam o problema que ela implica, prometendo, implicitamente, na sua maioria, a ressurreição e a vida eterna. Outras, como o budismo e o hinduísmo, preferem negar esta idéia. A própria ciência já permite a alguns a idéia de sonhar com um congelamento que propicia, no futuro, um retorno à vida.

Esta passagem do conhecido ao desconhecido, do seguro ao misterioso, da ordem para a desordem ao longo da história um condicionamento que se concretiza em ritos de preparação para a nova fase. Praticam-se uma infinidade de procedimentos para completar o processo de desintegração do indivíduo excluído de um mundo e a integração deste à sociedade dos mortos, bem como para proteger a comunidade que fica. Estes rituais variam muito de sociedade para sociedade, de cultura para cultura, mas uma mesma meta os equaliza: a representação especial de cada grupo para resolver o mesmo problema, ou seja, o problema da finitude da vida humana. Acredita-se que durante esta passagem o grupo está sujeito à ação das forças nocivas que a morte irradia, forças que ameaçam o homem. Daí a inspiração das práticas funerárias como um meio de neutralizar e alterar essas forças através de recur-

soes simbólicas.

O ser humano é o único animal que tem consciência da sua morte e, por isso, o corpo humano morto não é um cadáver qualquer, é necessário conceder-lhe, no mínimo, uma sepultura por obrigação moral e por necessidade de exprimir sentimentos. O enterro e as diversas outras maneiras de se lidar com o corpo morto representam para o grupo uma segurança de que o indivíduo morto caminha para a ocupação de um lugar determinado, devolvendo-lhes o sentimento de ordem.

Depende de cada sociedade o tipo de atitude ligada à morte. Os hebreus, por exemplo, costumavam não tocar o corpo morto por considerá-lo impuro. Certos índios americanos, como as tribos dos Navajos, dos Apaches, dos Comanches, dos Sioux e outras tribos das planícies norte-americanas atiravam flechas ao ar para afugentar os espíritos maus. A tradição do túmulo pode advir do desejo de sepultar bem fundo os maus espíritos. A salva de tiros num funeral militar, a qual chamamos de "última despedida", corresponde ao mesmo símbolo ritual dos índios ao atirarem ao céu suas flechas e lanças. O costume de banhar, vestir e maquiagem o cadáver consiste numa tentativa de procurar dar-lhe uma aparência de vida. As flores com que cobrimos nossos mortos, cujas pétalas separamos e lançamos nas sepulturas ou as que enviamos em coroas, estão presentes em outros ritos ligados à vida, como aniversários, casamentos, nascimentos e outros, além de também exalarem um cheiro mais agradável do que o cheiro vindo do morto. Entre os indonésios, os parentes, particularmente a viúva, tem obrigação de recolher, de tempos em tempos, os líquidos produzidos pela decomposição dos cadáveres e aplicá-los sobre o próprio corpo ou misturá-los aos alimentos, alegando que o afeto pelo defunto e a tristeza que sobre eles se abate, obrigam a proceder desta maneira. Segundo Hertz (apud Rodrigues, 1979, p.53), esta alegação não basta para explicar o rito, já que ele é obrigatório, inclusive com ameaças de punição capital às mulheres que não o observarem. Os parentes mais próximos que participam deste ato, comungam de alguma forma com o defunto; imunizam-se e evitam que a sociedade sofra outras infelicidades, ou seja, acreditam absorver as qualidades do morto ou a potência mística que reside no cadáver, tornando-se capazes de a controlar, impedindo assim que a morte continue agindo no interior da sociedade.

Na Idade Média morrer fazia parte de um evento social. O morto era exibido com naturalidade em seu leito para o povo, através das portas escancaradas da casa mortuária. No século XIX, porém, a sociedade burguesa produziu novos ritos que talvez tivessem um objetivo inconsciente: oferecer às pessoas a possibilidade de se furtarem à visão dos moribun-

dos, conforme diz Benjamin (1975). Os tempos modernos repelem cada vez mais o fato de morrer do mundo dos vivos.

*"... Atualmente, morrer é triste demais sob vários aspectos, sobretudo é muito mais solitário ..."* (Kubler-Ross, 1987. p.19).

As relações humanas, outrora tão valorizadas, caíram em menoscabo devido às novas exigências advindas da modernidade. Cada vez mais os velhos são abandonados nos asilos e os moribundos nos hospitais, entregues à sua própria sorte, talvez por falta de meios de pessoal com disponibilidade para tornar-se enfermeiro ou enfermeira durante dias. As várias ocupações dos indivíduos na sociedade permitem, contudo, que se façam algumas visitas ao doente; entretanto é muito remota a possibilidade da presença destes junto ao enfermo no momento da sua agonia final, e a fase que se segue a esta é cada vez mais deixada aos cuidados de terceiros. Em troca de alguns honorários, as chamadas "agências funerárias" encarregam-se de um serviço perfeito, desde o fim da agonia até a inumação no cemitério, enquanto os parentes e amigos mais próximos se furtam do trabalho doloroso, mas enriquecedor, que a morte impõe. Como diz Ruffiê (1988), não é mais possível, por razões evidentes, restaurar a morte e todas as condutas funerárias que a acompanham. Elas agora são incompatíveis com o ritmo de vida que se leva, no entanto outros comportamentos estão sendo instituídos graças às técnicas contemporâneas: retratos, filmes de cenas familiares e gravação da voz dos vivos, são exemplos de que, embora desaparecido, o indivíduo ainda continuará entre nós.

## II - DOS RECEIOS E DOS MISTÉRIOS DA MORTE

Podemos sentir o contraste entre a exaltação da morte, despejada em cenas horríveis nas telas da televisão, do cinema e relatada em jornais e revistas, e a sua silenciosa dissimulação na vida cotidiana, em que ela é banida das conversas, escondidas das crianças e disfarçada por metáforas.

Ninguém permanece perto de um cadáver sem demonstrar pela sua fisionomia que é um cadáver o que está vendo, a não ser que esteja habituado a isso. As reações diante de um cadáver são diversas: há quem cubra os olhos, quem os desvie imediatamente de maneira a não deixar dúvida de que quer separar a visão de algo que não quer ver, quem entre em crise emocional, quem chore e quem desmaie. O certo é que o morto

constitui um tabu e em algumas sociedades são também um tabu seus pertences, seus amigos, sua casa, seus parentes, que por estarem relacionados a ele, participam de sua personalidade. A morte tem "mana", isto é, a morte está cercada pelo mistério, pelo poder sobrenatural, pelo medo, pelo sinistro. Basta olharmos para os cemitérios e suas proximidades para percebermos a quantidade de ritos mágicos de que ela é objeto. Ritos que exprimem seu poder temível.

A Filosofia também se apossou deste problema e a morte tornou-se a verdadeira "musa da filosofia", desde seus primórdios na Grécia até Heidegger e o moderno existencialismo. Para Heidegger (1979), o ser humano "é um ser para a morte", ou seja, podemos duvidar de quase tudo em nossa existência, mas da morte não, ela é certa para todos. Para este conflito voltaram-se também vários psicanalistas e psicólogos. Um número razoável deles sustenta que o medo da morte não é inerente ao homem, ou melhor, que não nascemos com ele. Conforme cita Becker (1976), estudos relativos a como o medo real da morte se desenvolve na criança concordam que estas não têm conhecimento da morte até a idade de três a cinco anos. É uma idéia muito abstrata, muito afastada da sua experiência. Ela não sabe o que quer dizer a vida desaparecer para sempre, nem conjectura para onde iria. Só aos poucos reconhece haver uma coisa chamada morte que leva algumas pessoas para sempre: muito relutantemente acaba admitindo que mais cedo ou mais tarde, ela leva embora a todos, mas essa gradativa percepção pode demorar até o nono ou décimo ano, conforme detectou Naggy, citado por Lúcia Helena de Freitas Pinho França, em artigo na revista Intercâmbio.<sup>1</sup>

Partindo deste princípio o psiquiatra Rheingold (apud Becker, 1976. p.32) afirma que a angústia de aniquilamento não faz parte da experiência natural da criança, mas é gerada por experiências más com uma mãe castradora. Outros, menos extremistas, vêem o temor da morte grandemente ampliado pelas experiências da criança com os pais, pela negação dos impulsos vitais e, de maneira mais genérica, pelo antagonismo da sociedade à liberdade e auto-expansão humanas.

Por outro lado, um grande número de pessoas concordaria que o medo da morte é natural e está presente em todos, que se trata de um medo básico que influi em todos os demais, um medo ao qual ninguém escapa, por mais disfarçado que possa estar. Falando em nome destas, William James (apud Becker, 1976. p.33) chamou a morte de "o verme no cerne", ou seja, todos têm uma intuição deste "verme", quer admitam ou não.

<sup>1</sup> - Revista Intercâmbio, vol. 2, set/dez. 1989, p.12.

O psicanalista Gregory Zillboorg (apud Becker, 1976, p. 33) diz que a maioria das pessoas pensa que o temor da morte está ausente porque ele raramente mostra sua verdadeira fisionomia, mas alega que, sob as aparências, o medo da morte está sempre presente, por trás de todos os outros medos que se manifestam de inúmeras maneiras indiretas, como por exemplo, claustrofobia, medo de altura, medo do mar, medo do escuro, etc. Ele afirma que estes medos são expressões do instinto de autoconservação, que funcionam como um impulso constante para preservar a vida e sobrepujar os perigos que a ameaçam.

Estando dentro da normalidade, todo homem dirá que sabe que um dia morrerá, mas diz que realmente não liga para isso. É comum presenciarmos mortes alheias e simplesmente negarmos a nossa própria morte, afinal estamos vivendo. Mas esta é uma afirmação apenas verbal, o medo está reprimido.

Segundo Balier (apud França, 1989, p.12), os filósofos e psicanalistas vincularam as noções de tempo e de morte com a angústia: a angústia do nada ou a angústia do abandono. Para Freud é o nascimento, ou seja, o traumatismo da separação da criança de sua mãe que constitui o modelo de toda a separação posterior e, conseqüentemente, da última separação em relação ao mundo - a morte. Ela é estreitamente ligada à angústia.

Esta angústia é naturalmente absorvida pelo esforço de expansão do organismo, à medida que o sujeito encontra motivos que despertem interesse para viver; no prazer que se tem de mostrar ao mundo suas próprias capacidades, de incorporar coisas nesse mundo e nutrir-se das experiências oferecidas por este. O homem não precisa ter medo quando seus pés estão solidamente plantados e sua vida traçada em um labirinto previamente preparado. Isto explica por que a morte de uma pessoa próxima é talvez o golpe mais violento que a existência dirige ao homem. Ela significa uma terrível ameaça ao grupo e exige alterações substanciais na organização da vida, sobretudo quando é inesperada. Quebra o curso normal das coisas e questiona as bases morais da sociedade, ameaçando a coesão e a solidariedade do grupo ferido em sua integridade.

A propósito, encontra-se em Rodrigues (1979, p. 57) que a reação do homem é um impulso contrário a essas forças desagregadoras. As manifestações contrárias à morte significam que a sociedade continua viva, visando com isto reestabelecer, pelo calor da solidariedade entre os que ficam, a integridade do grupo, preenchendo de certa forma o vazio deixado pelo morto.

Os efeitos da morte não se restringem só à existência material do homem. Eles estão ligados ao que o grupo so-

cial investiu nesse corpo. Aí é que está o pavor que a morte inspira. Poder-se-ia dizer que o que a sociedade não pode suportar é a atividade incontrolável que consome o cadáver. Enterrar, cremar, repudiar são formas de interferência, tentativas simbólicas de encontrar uma explicação para o irreversível e recuperar a ordem dos fatos.

Também na Literatura pode-se encontrar a representação deste conflito. Alguns autores procuraram e procuram, através do universo ficcional, abordar questões relacionadas à morte e à problemática advinda dos seus efeitos. Neste trabalho enfoca-se a obra de Lya Luft, uma autora atual que se destaca por evidenciar na sua produção literária, temas difíceis e densos como a morte.

Para tal fim, apresenta-se no capítulo seguinte a análise da sua obra romanesca em relação ao tema aqui focado.

### III - SOBRE AS OBRAS

Enfocar-se-ão, aqui, apenas as obras romanescas da autora, já que é a partir dela que Lya passa a focar o tema em relação a sua problemática e questionamentos. Não que ele não fluísse na sua poesia, mas como ela mesma disse esta foi uma fase que serviu de preparação, de amadurecimento para a nova forma - o romance.

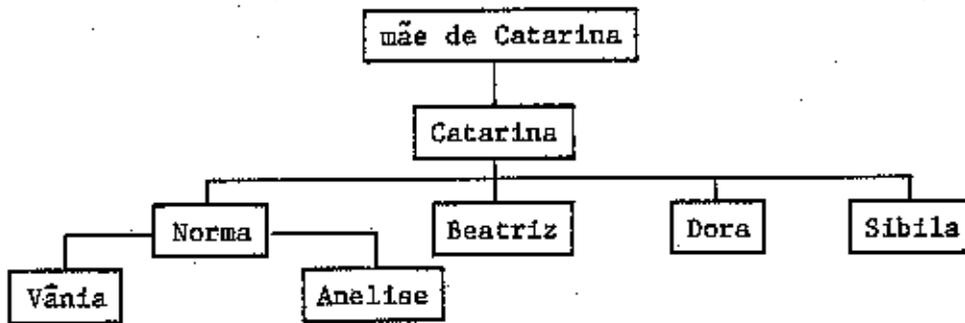
Para isso, dividir-se-á o capítulo em cinco partes, isto é, cada parte referir-se-á a uma obra, a começar pelo romance AS PARCEIRAS publicado em 1980.

#### 3.1 - As Parceiras - 1980

Este livro apresenta-se com uma narradora em primeira pessoa, Anelise, que vai passar uma semana (de domingo a sábado) na casa da praia, fazendo um retrospecto e uma análise da sua vida. " ... Vim ao chalé resolver minha vida, se é que ainda há o que resolver ..." (16)

A descrição que faz do chalé se assemelha muito com a situação que está vivendo - " ... Parece um caranguejo saindo da praia, tentando escalar o morro que surge inesperado das ondas ..." (16) -, pois assim como o caranguejo, ela também vai "andar para trás", rememorando os fatos mais importantes do seu passado para tentar encontrar uma explicação para o momento presente e ordenar seu lado psicológico.

Descendente de uma família de mulheres, retoma suas raízes a partir da avó Catarina, passando pelas tias, mãe e irmã, enquanto organiza sua própria história.



Como num jogo, Anelise vai movendo as peças que constituem seu passado e revelando-as pouco a pouco, começando por sua avó Catarina, que era filha única de uma alemã decidida que casou no Brasil, enviuvando em seguida. Catarina casou-se quando não tinha mais de quatorze anos e ainda no auge da sua inocência com um homem bem mais velho, que prometeu ensinar à menina, na hora certa, o que fosse preciso. A mãe voltou para a Alemanha satisfeita por deixar a filha em boas mãos, destino assegurado, no entanto: "O destino caçou-a pelos quartos do casarão, seguiu-a pelos corredores, ameaçou arrombar os banheiros chaveados como arrombava dia e noite o corpo imaturo ..." (14)

E a moça passou a ter um enorme terror pelo sexo e pela vida e como não tinha a quem recorrer, refugiou-se onde pôde, num mundo branco e limpo. O sótão era sua mania, ali construiu o seu mundo imaginário. Mandou mobiliá-lo como um quarto de menina, todo branco e ali se esquivava da sua realidade.

Viveu até os quarenta e seis anos. O marido mudou-se do casarão, mas não deixou de procurá-la. Teve vários abortos e três filhas: Beatriz, Dora e Norma. Vinte anos mais tarde viria Sibila (Bila) concebida e parida no sótão.

A fragilidade da mãe refletiu-se nas filhas. Norma era a que mais se parecia com Catarina no aspecto físico. Casou-se com um homem já maduro que a protegeu e amparou. Com ele teve duas filhas, Anelise e Vânia.

Era um pouco infantil, desinteressada das coisas práticas e aparentemente incapaz de assumir a família. Parecia ter uma vida feliz, embora isolada, com seu marido. Programaram e fizeram uma só viagem, da qual não voltaram por decorrência de um acidente.

Sua tia Beatriz vivia rezando e indo à igreja. Ficou casada por três semanas, enviuvou e voltou para o casarão. O marido suicidou-se, diziam que foi por não cumprir seus deveres conjugais. Dedicou-se ao casarão e à irmã Bila. Cuidou de Anelise e Vânia quando estas perderam os pais. No

momento em que julgou ter cumprido a sua missão, foi morar num quarto de um convento, para o qual doou parte do seu dinheiro.

Já Dora levava uma vida diferente das demais mulheres da família. Era pintora. Casou-se mais de uma vez e não dava satisfação a ninguém. Era bonita, exuberante e parecia alegre. Não teve filhos, mas adotou um garoto chamado Otávio.

Desenhava anjos, mas só pintava monstros: bruxas, demônios, figuras estranhas. Acolheu Anelise por algum tempo até que esta se casasse.

A filha que Catarina teve vinte anos depois chamava-se Sibila, a tia anã de Anelise, fruto de uma hora de terror. "Todo o horror se cristalizou na figura torta da anã." (33) Parida no sótão e renegada pela mãe após o nascimento, Bila cresceu à revelia. Feia, cabeça pequena, olhinhos suíños, cabelo ralo e preto. Sem dentes. Falava numa algaravia. Quando calma, vagava pela casa e jardins. Dava muito trabalho: cuspiam e beliscava as pessoas. Tinha mania de comer formigas e pegar insetos.

Vânia, a irmã mais velha da protagonista, tentava disfarçar a solidão e o sofrimento característicos da família. Quando pensou ter encontrado a felicidade, o noivo a fez prometer que não teriam filhos, pois estes poderiam carregar as deformidades da família e isto a atormentava e a fazia carregar o peso de suas raízes.

Vinda de uma família de mulheres complicadas e de uma infância cheia de medos e fantasmas, Anelise tem sua trajetória existencial marcada por inúmeros acontecimentos traumatizantes.

Carente de amor e atenção familiar, concentrou na figura de sua amiga de infância, Adélia, uma forma de suprir suas necessidades. Viveram uma intensa amizade, mas num verão que passavam na praia, perdeu a amiga que despencou de um rochedo e desapareceu no mar. "... A morte entrou em mim num ferimento que jamais sarava..." (24)

Ficou órfã aos quatorze anos e ainda mais solitária. Seus pais morreram num acidente de avião que explodiu acima do mar. "A ferida da morte cresceu desmesuradamente..." (32)

Passou a viver no casarão com a tia beata e com sua irmã Vânia que estava prestes a se casar. Mais tarde passou a se desentender com a tia. "... Minha solidão e a de Tia Beata somavam-se num vazio intolerável..." (66)

O primeiro contato com o sexo oposto, além da figura paterna que foi abstrata, aconteceu com o primo Otávio que veio passar as férias no casarão. Viveram uma rápida descoberta de paixão. Depois Otávio foi mandado para o exterior

para aperfeiçoar-se em piano.

Quando tinha dezoito anos, foi morar com sua tia Dora e a esperança passou a ocupar mais espaço do que os fantasmas em sua vida. Entrou para a faculdade e arranjou namorados.

Cabe ressaltar, aqui, a angústia do abandono e a sua ligação com o medo da morte de que falou Balier no capítulo II deste trabalho. No momento em que Anelise começou a encontrar motivos que lhe despertassem o interesse de viver, seus medos foram sendo afastados, dando lugar à esperança, que é o que impulsiona o viver.

O casamento veio em seguida. Ela e Tiago amaram-se muito até que o desejo de ter um filho, sem no entanto conseguir, começou a atrapalhar o relacionamento e a acordar os antigos fantasmas que a atormentavam.

Os abortos foram se sucedendo e o medo aumentando. O marido tentava ajudá-la, mas naquela altura o relacionamento entre eles já estava ameaçado.

Na quinta gravidez tudo corria bem, apenas a angústia interior apavorava Anelise. O parto foi difícil, mas nasceu o primeiro menino da família: Lauro, perfeito todos disseram. Só mais tarde contaram que o menino seria pouco mais que um vegetal e não passaria dos dois anos.

Anelise passou a se dedicar ao filho, trancada no quarto do apartamento. Esqueceu-se do marido, do trabalho, da casa e dos amigos.

Pode-se dizer que a personagem passou a conviver com a fatalidade da morte. Diante da situação, não encontrou outra saída que não a de dedicar-se ao filho enquanto este tivesse vida, mesmo que vegetativa. Talvez o menino nem percebesse a sua presença, mas frente à dúvida e ao seu amor resolveu anular-se em outros contatos para viver a sua dor ao lado do filho.

Quando Lalo (apelido de Lauro) morreu, não sentiu desespero nem revolta, apenas cansaço. Tudo estava acabado. Resolveu, então, passar uma semana no chalé da praia e deixou uma carta para Tiago dizendo que quando voltasse queria a separação.

Enquanto estava no chalé, Anelise sempre avistava no alto do rochedo uma mulher vestida de branco e tinha curiosidade em saber quem era a veranista. Chegou a subir no morro algumas vezes para encontrá-la, sem no entanto, conseguir. No sábado, depois de remoer todo o seu passado e sem ter perspectivas para continuar vivendo, sobe o morro e ao reconhecer a mulher de branco como sendo a sua avó, resolve juntar-se às perdedoras da família, atirando-se do mesmo rochedo em que sua amiga Adália despencara.

A morte parece representar algo abstrato, particular e único e, apesar de certa, não é planejada e nem tampouco o medo a deixa ser, a não ser nos casos de extrema depressão em que o indivíduo está cansado de viver, como no caso da personagem desta obra.

Anelise passa por uma infância marcada por perdas significativas e cresce muito solitária. Projeta no desejo de ter um filho um reparo à sua existência cheia de falhas, quando este nasce com problemas ela se entrega a ele como se nada mais fosse capaz de fazê-la superar o desespero.

Aguardou pelo fim de tudo e tentou avaliar sua vida. A semana que passou sozinha na praia, remexendo as velhas feridas deixaram-na num estado de grande depressão, no qual a única alternativa encontrada para se libertar foi a de entregar-se à morte.

Numa linguagem clara e objetiva, a autora consegue passar em cada frase a medida exata do universo apresentado. Cada palavra torna-se precisa na descrição de qualquer fato ou sentimento.

O passado é o que mais interessa neste livro (o presente é figurativo), pois é a partir deste que o desenrolar da vida da personagem principal vai se organizando.

Nesta obra o foco central recai na figura da mulher. No caso uma mulher que retoma a sua vida como se fizesse um diário e descobre que tudo não passou de farsa, mentiras foram se acumulando ao longo da sua existência. Os homens aparecem como figuras auxiliares, sem muita importância no jogo que é analisado. É a trajetória feminina que interessa, a vida das "parceiras" desta família, que no fundo partilharam, cada um no seu exílio íntimo, das mesmas angústias e sofrimentos. No fundo todas elas estavam unidas pela mesma dor.

### 3.2 - A asa esquerda do anjo - 1981

A narração, em primeira, pessoa, se dá a partir da noite destinada por Guísela ao parto da estranha criatura que a habita e a devora por dentro. Nesta noite ela retoma todo o seu passado, evocando os fatos que contribuíram na formação do seu monstro interior.

Recorda a infância passada junto a avó paterna; Frau Wolf, uma alemã ditadora que inventou seu próprio mundo e obrigava toda família a seguir suas normas. Todos os domingos a família Wolf se reunia para almoçar na casa da matriarca e, durante a cerimônia, só lhes era permitido falar em alemão. Guísela era obrigada a tomar lições de piano na casa da avó três vezes por semana, além das aulas de bordado que ela também detestava.

A avó a julgava e ela também sentia-se a criança mais esquisita da família. Talvez a avó a desprezasse porque com ela o sangue da prole deixava de ser absolutamente puro. Seu pai Otto Wolf fugiu às regras da mãe quando se casou com uma brasileira chamada Maria da Graça Moreira que tentou adaptar-se como pôde ao mundo da sogra, a fim de ser aceita.

*"Maria da Graça, numa família de Helgas e Heidis. E eu, Guísela ou Gisela? Minha mãe pronunciava Gisela; o resto da família dizia Guísela, à maneira alemã, que eu achava horrenda." (21)*

Os encontros na casa da avó eram um tormento para ela, a avó de bengala sempre comandando:

*"... Guísela, sente reta, Guísela, use a mão certa, Guísela, a agulha do seu bordado enferrujou mais uma vez! Guísela, porque não consegue ficar um minuto quieta?" (21)*

Este sentimento só se modificava quando a prima idolatrada, Anemarie, vinha do colégio interno de férias e depois do almoço costumeiro, tocava violoncelo para a família, deixando-se administrar por Guísela.

Quando menina, Guísela foi discriminada também na escola pelos colegas por pertencer a uma de alemães fanáticos e pelos professores por não seguir o modelo de seus familiares que tinham sido alunos exemplares.

Ainda criança viveu um tempo de guerra. No país de sua avó várias pessoas morriam e o Brasil ia entrar na guerra. Para ela era difícil compreender porque foram proibidos de falar o alemão e porque mesmo depois de acabada a guerra, brasileiros e alemães ainda trocavam insultos. Crescia sentindo-se humilhada e carente.

A neta predileta da avó era a sua prima Anemarie, que em tudo parecia perfeita, ao contrário de Guísela de quem ela só solicitava companhia para ir ao cemitério cuidar do jazigo da família. A menina ficava impressionada com a estátua do anjo que o guardava. Ele era maior que um homem, sentado, a mão direita apontava para o céu e a esquerda caía no regaço.

*"Moça ou rapaz? O rosto era um belo adolescente, mas os cabelos desciam até os ombros, e debaixo dos panejamentos de bronze entreviam-se seios redondos. Eu tinha vergo-*

*nha de olhar, mas eram seios.*

*Um anjo misterioso, concentrando na pesada matéria em que se imobilizava a eternidade de seu gesto e expressão, os enigmas da vida e da morte." (41)*

Tem-se aqui, conforme encontramos em Maria da Glória Bordini (1988), a ambigüidade do anjo: apontando o céu, mas guardando os parentes apodrecidos, ou seja, vida e morte. Parecendo um rapaz, mas com seios redondos - masculino e feminino.

Sentia-se melhor quando passavam os fins de semana na chácara, sem a companhia da avó. O ambiente simples lhe fazia bem. Seus medos diminuíram e ela julgava-se quase tão amada quanto Anemarie.

Lembra-se que certa vez passou a sentir-se invadida por alguma coisa nojenta, terrível, que a fazia acordar aos gritos no meio da noite. O médico recomendou passeios, vitaminas, repouso e esportes. Por sua saúde tornou-se hábito ir à praia no verão. Alugavam duas casas grandes para acomodar toda família: Frau Wolf, a avó, as filhas Marta e Helga com seus respectivos maridos Stefan e Ernst, pai de Anemarie, seu pai Otto e sua mãe Maria da Graça.

Como não houvesse crianças da sua idade, Guísela entretinha-se sozinha brincando na areia e sentia tamanho prazer na brincadeira, que sempre lhe era proibida, que não percebeu a avó se aproximando para despejar sobre ela a represália, mandando que fosse se lavar depressa, pois já devia estar cheia de bichinhos imundos.

*"Levam-me para dentro. Minha mãe me leva com cuidado, me consola, mas sinto-me violada. À noite, meu corpo comicha, sensações estranhas no sexo, no ventre, estou contaminada.*

*Por muitos dias fico nervosa, minha mãe me tranquiliza, mas a dúvida fere fundo e permanece: estaria realmente limpa?" (60-61)*

Durante muito tempo sofreu sentindo-se habitada por um animal estranho. Seus tormentos aumentaram quando descobriu que o relacionamento entre duas pessoas implicava também sexo.

*"Chorei muitas noites, escondida. O belo, espantoso mundo adulto, admirado e cobijado, escondia coisas inconfessáveis. E o caminho do céu, que o Anjo indicava aos mortos*

*da família?" (66)*

A personagem coloca-se numa situação conflituosa, não compreende a realidade como algo natural, saudável, questionando a posição do anjo que aponta para um céu limpo, mas guarda a podridão que a terra esconde.

Preservava-se do desespero se reportando à figura da prima, imaginando que esta, na sua perfeição, estaria imune à realidade que a afligia, assim como os mortos do jazigo que eram agora textos invioláveis até que percebeu haver algo mais do que uma relação de tio e sobrinha entre Anemarie e Stefan, marido da sua tia Marta. Estavam apaixonados. Em breve Frau Wolf reuniria a família para dizer que os dois haviam fugido, deixando apenas uma carta que ninguém, além da matriarca, chegou a ler.

Pouco tempo depois, começou a namorar Leo, com quem viveu no início momentos de felicidade e paz. Com ele sentia-se amada. Um ano depois ficaram noivos, porém a saúde de sua mãe começou a preocupar a família e Guisela começou a sentir-se culpada. Dedicava, então, à mãe todo o seu tempo. Leo dizia que ela estava exagerando, que deviam aproveitar a vida, mas ela já tinha dúvidas. Começaram a se desentender. Guisela temia que algo acontecesse à sua mãe até quando estava dormindo. "E se ela já estivesse morta ao lado do marido adormecido?" (92). Fazia barulho pela casa até que o pai levantasse perguntando se queria acordar também a mãe que precisava descansar. "Eu voltava para a cama quase chorando de alívio." (92)

Nota-se a inquietude e ansiedade que a insinuação da morte desperta na personagem. A morte ou a idéia da morte de alguém muito próximo provoca uma alteração nas emoções e o sentimento de culpabilidade também se manifesta. A personagem privou-se de viver os próprios sentimentos por sentir-se insegura com relação à vida da mãe, pois se acontecesse a sua morte num momento em que ela estivesse feliz, passaria a sentir-se culpada.

Quando resolveu desmanchar o noivado com Leo, a morte veio a lhe permitir uma prorrogação. Sua tia Helga, mãe de Anemarie, já há tempo doente, faleceu. "Foi a primeira morta que vi. Cheiro de flores em decomposição, fantasias de criança, e os ventres estourando nos pântanos de meus sonhos." (96) Logo depois perdeu também a mãe, num fim de semana que passavam na chácara.

*"Repete-se o mórbido ritual da morte. Dezenas de pessoas apertam minha mão, dedos moles ou duros, secos ou frios. Algumas,*

*olhos vermelhos; outras, sorriem sem nexo. Meu pai, encolhido na cadeia ao meu lado, não levanta a cabeça uma só vez. Não se aproxima do caixão. Repetidamente sacode a cabeça, negando, negando, ..."* (101)

Vale ressaltar a atitude do pai que não quis ver o corpo da mulher amada e que sacudida a cabeça como se estivesse a negar esta perda. Esta idéia de negação é introjetada por ele, como se pode comprovar com a citação abaixo, feita no presente da narrativa, ou seja, na noite do parto, quando a personagem refere-se ao pai.

*"À noite, sei que fica na cama aguardando esse passo na escada, esse suspiro no patamar. Contudo, nunca falamos sobre isso."*  
(37)

Guísela entregava-se aos cuidados da casa e do pai, pensando sentir-se melhor negando a si mesma, adquirindo a postura de Frau Wolf e cultivando no lugar do coração uma pedra de gelo. Leo andava inconformado com a situação do seu noivado enferrujado, e atirava-se às aventuras para fugir da negação de Guísela.

A doença inesperada de Anemarie dez anos depois foi outro golpe para todos. Frau Wolf, que mantinha ainda o seu posto, foi surpreendida com a solicitação de Stefan para trazer Anemarie de volta por pedido dela. A velha concordou. Instalaram-na no antigo quarto, pois não adiantava mais hospital e Stefan foi proibido de entrar na casa. Ela viveu mais dois dias. Providenciaram o enterro. A cerimônia fúnebre começaria na própria casa e o caixão, fechado por exigência do pai de Anemarie, atraía os olhares curiosos de todos. Sua avó desceu sem cumprimentar ninguém e ordenou que abrissem a tampa.

*"Anemarie apareceu no esplendor de seus cabelos e no horror de sua devastação.*

*No silêncio, ouvi os círios crepitarem. Exclamações abafadas, piedade, medo.*

*Minha avó contemplou a criatura que talvez mais tivesse amado na vida. A mão não tremeu na bengala, os olhos desbotados não pestanejavam.*

*Depois, deu um passo atrás e, sem qualquer sinal prévio, cuspiu no chão, diante da caixa negra."* (117)

Com esta atitude, vê-se comprovada a personalidade de Frau Wolf que demonstra diante de todos a sua repulsa pela neta que traiu as suas expectativas. Todos assistiram imóveis ao gesto da matriarca que se retirou e não voltou a aparecer durante alguns dias, quando o fez, foi como se Anemarie nunca tivesse voltado.

Guísela voltou a se interessar pelo jazigo, tal como em criança, visitando os seus mortos alheios e impessoais.

*"O jazigo, porém, me servia de igreja, sem que eu tivesse consciência disso. Meus mortos estavam com Deus: mais belo do que estarem ali, apodrecendo (...)*

*Eram silenciosos aqueles ociosos casulos de gente." (120)*

A personagem não teve formação religiosa, sua avó dizia que a igreja era coisa para fracos, porém ela preferia seus mortos num lugar limpo, mais aceitável do que a realidade de putrefação dos corpos. E como os mortos não se manifestam, não respondem às inquietações dos vivos, pode-se atribuir a eles qualquer final, que nos darão a sua aprovação silenciosa.

Sua ligação com Leo estava definitivamente terminada, às vezes se encontravam na rua e ele comentava que ainda gostava de correr no seu automóvel, principalmente quando, à noite, não conseguia dormir. Ela, Guísela, ocupava-se durante o dia mas a noite era atormentada por medos. Agora é mais uma solteirona da cidade e carrega no vestido o camafeu que foi de Frau Wolf, também falecida.

Leo acidenta-se de carro e um amigo telefona à Guísela dizendo que ela talvez devesse ir ao hospital, afinal foram tanto tempo noivos. "Acho que não aguentarei mais nenhuma morte, nenhuma separação. Desta vez não vou participar. Decido não ir." (134)

Alguns dias depois insiste novamente. Leo chama por ela. Guísela fica perdida em casa sem saber o que fazer, quando por fim é invadida por um novo sentimento de esperança e decide ir, já é tarde demais. Não foi ao velório e acompanhou o sepultamento de longe. Nesta mesma noite sentiu que a antiga criatura estava ali, instalada no seu ventre, sufocando a sua respiração.

Três dias depois cria coragem e decide se libertar do terrível monstro que a devora, num ritual sofrido e doloroso.

"Quero me libertar: ser pura, como Anemarie que morreu e na minha memória continua imaculada." (83)

"Hoje você vai sair, maldito." (84)

"Vem, maldito - penso. Vem: estou me preparando com a força das lembranças, que também preciso expulsar de mim, os medos, as culpas."

Fica claro que a personagem precisa expulsar de si um monstro que representa todos os seus medos. Um monstro que a devora. Durante todos os anos de sua vida ela sentiu-se estranha e si mesma. Alimentou uma Guisela que não era autêntica e que assumiu tão grandes proporções a ponto de não ter mais volta. Restou-lhe apenas a neurose de expulsá-lo num ritual que ultrapassou o simbólico como se pode perceber na citação abaixo:

"E começou a sofrer convulsões prolongadas como num parto. Vi mulheres retorcendo-se e arquejando assim em filmes, e ele vem (...)

Não suporto este horror (...). Tenho a boca cheia de saliva, de nojo (...)

Com a mão esquerda pego a escova de dentes na pia, no canto do meu quarto. Comprida demais. Então com raiva, quebra a ponta cabeluda, deito-me outra vez no chão, com o cabo da escova segurando os maxilares, ferindo a carne, sinto gosto de sangue que escorre." (130)

Toda esta situação é fruto do desequilíbrio de emoções em que a personagem se encontra e o monstro que pare vai fitá-la sem nariz, sem olhos, sem feições, ou seja, sem identidade como ela.

### 3.3 - Reunião de família - 1982

A narração em primeira pessoa apresenta gradativamente todos os personagens, mostrando suas características, principalmente as psicológicas, o que permite ao leitor um desvendamento contínuo da personalidade destes, através de uma linguagem clara, objetiva.

A família do professor sempre foi problemática, devido à rispidez do caráter deste e à orfandade de mãe. Muitos

episódios envolvendo a figura paterna contribuíram para a deformação da personalidade dos elementos da família. Alice, Evelyn e Renato foram criados por Berta uma antiga criada que cuidava de sua alimentação, roupas, médico e demais problemas de rotina, sem, no entanto, conferir-lhes o afeto feminino, característico da mãe.

O tempo passou, os três casaram e a acomodação que se instalou em suas vidas foi quebrada quando Evelyn perdeu seu único filho, Cristiano, em decorrência de um acidente de carro dirigido por ela. A partir da morte do menino, Evelyn que até então se apresentava sossegada e segura, mudou completamente. Passou a se sentir culpada e não aceitou a morte do filho, agindo como se estivesse vivo.

A situação de perda de um filho aparece também no romance "As Parcerias" analisando anteriormente, porém o comportamento de Anelise difere do comportamento de Evelyn. Anelise não se sentiu culpada. Talvez, também não tenha aceitado a morte do filho, mas vinha se preparando para ela desde o nascimento dele, o que não ocorre com Evelyn, que tinha um filho sadio e perdeu-o de repente num acidente no qual julga ter culpa.

O marido Bruno, com medo de magoá-la ainda mais, deixou-se levar neste jogo de desespero. Aretusa, esposa de Renato, preocupada com a situação da cunhada, resolveu convocar a família para um fim de semana na casa do professor, a fim de discutir sobre a saúde de Evelyn e também de seu sogro, antes um homem severo e misterioso e agora um velho senil e caduco.

Esta convocação veio tirar Alice do seu marasmo. As dúvidas e inquietações que antes a atormentavam e que agora encontravam-se encobertas pela rotina poderiam então aflorar novamente.

*"Fácil conseguir o táxi, pegar o ônibus; mas isso me abala. Sei que é tolice minha. Aretusa, mulher de meu irmão, sempre me censura por ser tão acomodada, tão tímida, parece até que tenho medo de sair de casa, por isso visito tão pouco minha família." [11]*

O fim de semana na casa do pai, com o qual a irmã reside, traz de volta à memória de Alice todo o seu passado junto à família e, através dos fatos retomados, podemos conhecer gradativamente a todos os membros da família.

O clima que se instala na casa, deixa em todos uma certa fragilidade e ao mesmo tempo os incita a desvendar os segredos que adormeceram em cada um. Evelyn anda com uma gi-

lete embaixo do travesseiro; o professor diz ter vários insetos no ouvido e o zumbido o deixa alucinado; Bruno cada vez mais atordoado com a situação da esposa; Berta queixando-se dos maus tratos e da impertinência do professor, principalmente agora que Evelyn abandonou a casa; Renato sempre abaixando a cabeça diante das repressões da esposa e Aretusa como sempre, disfarçando a sua dor através da prepotência.

No jantar de sábado, Alice analisa as imagens refletidas no espelho e lembra do jogo que praticava quando era criança para fugir da realidade: mirava-se no espelho e via-se outra Alice, uma Alice livre e eterna e sente que se der espaço ela retornará.

*"Tentamos segurar e tramar o fio de alguma conversa inofensiva, mas nossos pensamentos verdadeiros rastejam no chão, serpentes malignas." (57)*

A noite Alice tem pesadelos e pensa ouvir passos e risos de criança. Na manhã seguinte conversa com a irmã.

*"Sinto que Evelyn joga comigo, com todos nós; como faz com Bruno. O jogo da beira da loucura a gente olha e olha e provoca, que rosto vai aparecer agora?" (68)*

No almoço de domingo, como Evelyn não desce, conversam sobre sua saúde, o professor sugere internamento, mas Bruno manifesta-se contra e Aretusa se irrita. Instala-se uma discussão.

*"Será possível? O medo me contrai a garganta, qualquer dia Bruno e Evelyn vão passear na calçada e na frente deles irá correndo um menino morto, sem pernas." (80)*

A negação da morte é um subterfúgio, que permite fugir da realidade temporariamente, quebrando, como no caso de Evelyn, o vínculo entre raciocínio e sanidade mental, o que se evidencia também com o pai de Guisela no romance anteriormente analisado.

Muda-se de assunto: o professor ataca Renato, que desde criança foi dominado por ele. O filho faz cara de choro, mas resolve reagir e dizer-lhe tudo o que sente de uma forma cruel, lembrando inclusive a morte da mãe. O velho, porém, parecia alheio à situação. Abalados pela cena da mesa, todos se dispersam e Alice vai até a cozinha auxiliar Berta. Mais

tarde resolve procurar a empregada em seu quarto para perguntar mais sobre a mãe. Lá encontra recortes de mulheres com o sexo à mostra e ouve de Berta um desabafo, dizendo que só está na casa para ver o velho professor morrer. É a sua vingança.

A propósito, apesar de negarmos a nossa própria morte diariamente, somos capazes de encarar com certo distanciamento uma morte alheia, desde que ela não interfira no nosso mundo pessoal. No caso de Berta, a morte do professor é esperada e desejada por ela como um fato reparador, de punição às maldades que ele cometia.

À tarde, descobre que Renato, mesmo depois de grande (quase vinte anos) procurava Berta em seu quarto e pedia a ela para fazer de conta que era sua mãe. Deitava-se no colo dela, ficava em tempo e depois ia embora. O mesmo que Evelyn lhe pedia às vezes. "Uma mãe de mentirinha." (96) Aretusa lhe conta ainda que Renato assistiu ao enterro da mãe. Os três foram levados a casa de um vizinho, mas ele fugiu e espiou de longe a cena. O padre foi expulso da cerimônia aos gritos pelo professor. Um escândalo.

A depressão tomou conta da tarde, mas à hora do jantar todos descem. Alice continua refletindo sobre sua vida e a de seus familiares, tentando achar justificativas para o presente. De repente Aretusa começa a implicar com o marido e o mal-estar se instala. Alice se irrita e repreende a cunhada que responde com rispidez.

*"Trocamos palavras duras, de repente me descontrolo, a tensão tem sido demasiada, não estou habituada. Desde que saí de casa, são aborrecimentos. E por culpa de minha cunhada, que teve a infeliz ideia de nos reunir aqui." (104)*

A discussão continua. Já estão arrependidas, mas é como se os reflexos do espelho da sala de jantar ressuscitassem aquelas que sempre estiveram sufocadas. O clima que se formou não permite retrocesso, entre agressões começam a se desnudar mutuamente, trazendo à tona segredos íntimos que guardavam uma da outra. Os demais familiares apenas assistem, mudos.

*"O que está acontecendo comigo? Conheço? Somos uma família, por que estamos agindo assim? Nós nos odiamos, é a única verdade, nos odiamos!" (108)*

Nesta hora, mostram suas verdadeiras caras, deixam cair as máscaras que usam e revelam sua verdadeira face. Uma face diferente da que estão acostumados, mas verdadeira. Alice nem acredita que isso possa ser real.

*"Quero morrer. Sinto uma vontade incontrollável de morrer e descubro que essa vontade não é nova, é antiga, muito antiga. Quis morrer dezenas de vezes, lidando na cozinha, carregando a sacola de compras, lendo sozinha na sala..." (109)*

Aqui a morte é colocada no dia-a-dia, como um processo de aniquilamento que pode ocorrer no decorrer da vida. Morre-se um pouco a cada dia na medida em que não se consegue a realização pessoal.

Quando Aretusa sai da sala, passam-se alguns minutos de silêncio e Evelyn tenta confortar Alice dizendo que não chore, não foi por mal. E então, cansada das falsidades que vigoraram até ali, Alice diz à irmã que está cansada do seu teatro. Diz que Cristiano está morto e que ela não é a única mulher no mundo a perder um filho. Tem início uma discussão entre as duas e mais segredos são revelados. "Ninguém reage. Bruno contempla a mulher com espanto" (115) Evelyn revela que Alice chegou a inventar um amante e uma porção de histórias fantasiosas.

*"Tive mesmo um amante? Rolei com ele em leitos escusos, em lençóis alheios? Faz diferença saber?"*

*Olho minhas mãos, é só isso que agora tenho coragem de olhar. Não sei o que Evelyn está fazendo. Sei apenas que todos queremos nos recompor, queremos recompor o quadro familiar, não queremos ser animais, não queremos ser loucos ou sujos." (119)*

Quando Evelyn sai, todos permanecem imóveis, paralisados pela cena assistida.

*"Vou recuperar a calma; daqui a pouco voltarei ao normal, tudo voltará ao normal. Vou enterrar este fim-de-semana no esquecimento, na fresta escura; tantas coisas já esqueci; não esqueci até o rosto de minha mãe?" (121)*

Intimamente Alice quer esquecer este fim-de-semana, quer desculpar-se e desculpar os que participaram dele. Sabe que se não tocarem mais no assunto, ele vai cair no esquecimento, deixando apenas o mesmo vazio que deixou a falta da sua mãe.

*"Não chore, Alice, digo àquela que me contempla no espelho. Quem terá feito a rachadura oblíqua?..."* (122)

No plano simbólico, esta rachadura que apareceu no espelho pode significar a mesma rachadura que existia escondida na personalidade dos membros da família e que agora foi colocada à mostra. Seguindo sua análise sobre a rachadura Alice pensa:

*"Talvez a força do ódio de Berta; o desespero de Evelyn; a amargura de nosso pai; a dor de Bruno, que arrisca sua sanidade para entrar no jogo da mulher amada.*

*Ou foi Cristiano?*

*Ele não fazia dessas artes quando vivo. Mas nunca se sabe do que um menino morto é capaz."* (122)

A morte, aqui, está envolta por um universo totalmente desconhecido, misterioso, que só é atingido por suposições. Este fato deixa a todos, indiscutivelmente, indagações de todos os tipos, que ficam sem respostas concretas. Não se pode ir além de conjecturas quando se pensa no que acontece depois da vida.

Um temporal desabou durante a noite. No café da manhã, Bruno, Renato e Alice encontram-se. Estão calmos e recompostos.

*"Nada temos a ver com as criaturas que ontem se desnudaram mutuamente, arrancando máscaras, rasgando carnes, lascando unhas. Somos três pessoas comendo diante de um espelho rachado.*

*Foi tudo um jogo de espelhos: nossas imagens defrontadas numa série interminável, multiplicando rostos, como nesses labirintos espelhados em que tudo se torna possível. Reflexos de reflexos de reflexos: eis o que somos. Agora que descobrimos isso, despertamos para a lucidez do trivial."* (123)

Alice vai retornar para a vida rotineira, mas segura: um marido não muito exigente, dois filhos e uma boa dose de afazeres domésticos e sente-se aliviada por isso. Nos olhos da cunhada a quem chamavam Aretusa Medusa quando crianças, vê refletidas duas pequenas Alices, ou seja, neste jogo de reflexos sente o seu verdadeiro "eu" sufocado também pelas condições externas identificado na personalidade da cunhada, que como se pôde perceber era autêntica e extravagante. Daí a origem do apelido. Medusa é na mitologia uma das três Górgonas, cuja cabeça, ainda depois de cortada, conservava o poder de petrificar os que a miravam. Assim era com Aretusa. Seu brilho ofuscava a personalidade de Alice. Mesmo sentindo-se culpada com relação a uma ex-aluna que tomou uma dose de veneno por sua causa e tornou-se uma morta-viva, Aretusa Medusa continuava a exercer seus domínios. Dominava Alice por partilhar seus segredos e dominava o marido que estava acostumado à repressão paterna.

O ambiente encontrado nesta obra apresenta semelhanças com os demais livros analisados, pois restringe-se ao espaço interior da casa do professor, na qual já se destacou a sala de refeições pela presença do espelho que reflete o avesso dos personagens. Encontra-se ainda a presença dos ambientes externos, mas em episódios auxiliares aos principais, como o deslocamento de Alice para a casa da irmã.

A morte pode ser ressaltada, aqui, como um fator desencadeador de questionamentos, que abala a estrutura familiar e provoca transformações neste quadro.

#### 3.4 - O quarto fechado - 1984

Um narrador onisciente em 3ª pessoa encarrega-se desta narração, modificando o que até então se pôde notar nas obras anteriores da autora, nas quais uma personagem-narradora ia-se mostrando aos poucos e montando seu perfil. Aqui existe alguém que tem domínio sobre todos os fatos e pessoas e que os apresenta no momento oportuno. "Sombras vagas de início, esbatidas aqui e ali, vão se tornando mais nítidas e objetivas" como disse Josué Montello.

O tema ressaltado neste trabalho - a morte - permeia com uma intensidade ainda maior que a das obras anteriormente citadas, as páginas deste livro. Como nos outros, tudo vai ocorrer a partir de uma situação núcleo, que é marcada aqui pelo velório de uma das personagens, Camilo. Cada participante deste velório terá sua mente focalizada pelo narrador que estabelecerá a ligação entre o passado e o presente e elucidará a trama do enredo.

"Ele dava os primeiros passos em sua Morte, abraçando a ela, que o instrua devagar. Não havia pressa: à deriva, lentamente, afastava-se de um mundo que não interessava mais... ostentava aquela máscara solene: cerna, gelo uma nova sabedoria." (13)

Remoendo a sua dor, estavam sentados ao lado do caixão os pais de Camilo, que já não partilhavam da intimidade conjugal. Renata, a mulher, parecia absorta na contemplação de um dos quadros da casa intitulado: "Ilha dos Mortos". O quadro pertencera a sua família e quando vendeu a casa que era dos pais trouxe-o consigo.

Depois da casada, como o marido não gostasse dele, pediu que o pendurassem ali naquela casa, no patamar da escada." Todos os mortos iriam para um lugar como aquele? (...) era irreal imaginar que, embora essa ilha existisse, as pessoas continuavam andando, falando, indo à escola". (18) Martin estava muito tenso, pois apesar de ser um homem racional e enérgico, sentia-se inseguro no território da morte. Ali, diante do filho morto, sentiam-se compelidos a rememorar suas idéias e a questionar a sua parcela de responsabilidade no suicídio de Camilo.

Renata foi uma menina solitária e quieta, bastante disciplinada em função da sua inclinação para o piano. Só teve um namorado, Miguel, a quem abandonou em nome do sucesso de pianista. Mais tarde, quando perdeu os pais, passou a sentir-se solitária e inquieta. A sua entrega total à música já a estava amargurando. "Nunca se fizera concessões, nunca cederia ao corpo, que exigia seus direitos." (21) Conheceu Martin num concerto de piano em que tocava e entregou-se aos impulsos da paixão. Martin, por sua vez, era um homem de personalidade forte que julgou poder satisfazer todos os anseios de Renata. Ele morava com a irmã Clara, com a madrasta viúva a quem todos chamavam "Mamãe" e a filha desta, Ella, com quem viveu um amor proibido na juventude. Trágico, como faz supor o narrador, pois no dia em que planejavam fugir a moça caiu de uma cerca na fazenda, ficando condenada a passar o resto de seus dias numa cama, transformando-se num dos pesos que Mamãe carregava com dignidade e grandeza. Renata foi aceita com muito carinho pela família. Havia pianos para ela na fazenda, na casa de Mamãe e no seu apartamento, mas o casamento não foi por muito tempo suficiente para ela. Aos poucos começou a sentir-se insatisfeita e o desinteresse pelas coisas domésticas interferiam na sua relação com Martin. Quando ficou grávida, passou a sentir-se ainda mais deprimida. Não estava

habituada a partilhar amor, era egoísta. Sentia-se amedontrada ao invés de sentir-se alegre. Uma cesariana trouxe ao mundo dois bebês prematuros e fracos, que se desenvolveram com dificuldades e frustraram as expectativas de Martin.

Os gêmeos, Camilo e Carolina, cresceram sob a indiferença da mãe e as cobranças do pai, mas agarravam-se um ao outro como se fossem complementos. Martin nunca entendeu muito bem o relacionamento esquisito dos filhos e pressionava Camilo, a fim de que este se mostrasse um verdadeiro homem para assumir mais tarde os negócios da família, inclusive a fazenda que era sua relíquia. Mas o filho era muito frágil, herdara a personalidade da mãe. Detestava a fazenda e os cheiros que emanavam dela. Quando fez seis anos, o pai o presenteou com um cavalo durante a festa na fazenda. Vendo o presente, o menino tentou fugir por entre os convidados, porém Martin o segurou e sentou-o sobre a cela, deu-lhe duas bofetadas e puxou o cavalo numa lenta volta à vista de todos. A partir daí a relação entre os dois praticamente se rompeu.

Os gêmeos passavam a maior parte do tempo na casa da Mamãe, distraíndo-se ora em desvendar os mistérios do quarto em que Ella permanece trancada, ora em brincadeiras, leituras e conversas com a tia Clara, que todo dia à tardinha se arrumava para esperar por alguém que não viria. Martin ficava na fazenda, mas encontrava-se com Renata de vez em quando. Eram encontros intensos e doloridos, pois terminavam sempre em discussões. Quando os gêmeos tinham quase dez anos, Renata engravidou novamente. Pensou em abortar, mas não teve coragem. A gravidez acabou sendo serena. Nasceu um belo menino, parto normal, com dores logo esquecidas. "Os pais o amaram com um amor desmedido, crispado. Amavam nele também a possibilidade de consertarem a vida" (77). Renata dedicava suas horas ao menino e tudo parecia estar se organizando, mesmo estando os gêmeos mais arredios pelo nascimento do irmão, até que o desejo incontrolável de entregar-se à música voltou a incomodá-la. Não bastava tocar para agradar alguma visita, precisava tocar com paixão, expor as entranhas da própria alma. Então, Renata mandava Rafael e a babá para a casa de Mamãe e sozinha no apartamento, "cavalgava seu piano tremendo de prazer" (110). Numa tarde, Clara brincava com Rafael em seu quarto, depois desceria para o jardim. Apareceram os gêmeos e resolveram ir todos juntos, porém Clara lembrou-se de uma revista nova que levaria e deixou o menino entre os dois irmãos no alto da escada, recomendando que lhe segurassem firmemente as mãos. Quando voltava do quarto, Clara ouviu que alguém rolava pela escada. Ninguém soube explicar como foi que o menino rolou, quebrando a cabecinha. Clara lembra de ter visto ao olhar para cima, quando já estava ajoelhada

ao lado de Rafael, os gêmeos mudos e brancos, de mãos dadas como para se ajudar.

Apesar de todos as surras que Martim, desesperado e acusador, aplicou nos filhos indagando como tinha acontecido, eles apenas respondiam: "Não sei". Renata não assistiu ao enterro, ficou de cama por vários dias e quando levantou era uma mulher acabada. Nunca mais tocou. O marido vendeu todos os pianos e mudou-se definitivamente para a fazenda, visitando os filhos eventualmente. Sobre eles pairava sempre a terrível suspeita ou acusação.

Talvez por não ter visto o filho morto, Renata não gostava de pensar no fato. Quando isto acontecia, ela saía, enlouquecida, para caminhar na chuva, no frio, na noite, não importava. Para ela era como se o menino ainda andasse por ali, num jogo de esconde-esconde, em que ela o procurava e só encontrava o vazio.

Todos, mesmo os que como Martim, mostram-se seguros e racionais no cotidiano, sentem-se impotentes diante da morte, porque nada a impede, mais cedo ou mais tarde ela vem e derruba a ordem dos fatos e emoções. No caso de Martim, esse sentimento era reforçado pelo fato de ele sentir-se exposto às insinuações de que o filho se matara por sua causa.

Um suicídio traz sempre implícito o desejo de acusação a alguém, e Martim questionava a sua culpa, conforme se pode comprovar na citação a seguir, um pouco longa para passar com logicidade o pensamento do pai.

*"Ainda não conseguia acreditar: o filho estava morto. Nem ao menos tivera ocasião de conhecê-lo direito. O menino fraco, o adolescente que lhe parecia efeminado, provocara-lhe impaciência, raiva, medo. Agora era quase transparente: inerte, exposto. No entanto, fora de qualquer alcance. O tempo perdera-se numa vida conturbada, não havia como recuperar(...) Camilo fora, afinal, o mais forte. Não cedera, até o fim, e conquistara um espaço no qual ninguém mais o poderia importunar. Estava livre." (50)*

Renata também fazia a si mesma cobranças:

*"Porque suspeitei tanto deles? pensou ela com remorso... Imaginava sinistras combinações em seus silêncios, pequenos sinais, sorrisos. Saberiam de segredos inquietantes? O que teria acontecido naquele dia com o Anjo*

Rafael?" (62)

Quando viu Carolina no patamar da escada, censurou-se por não ter sido também mãe dela. O que faria agora a filha sem a sua outra metade, a metade mais forte de quem parecia ser a sombra?

O sentimento de culpabilidade foi abordado por Freud (apud Ruffiã, 1988, p.224). Segundo ele, a morte não acontece sem que este sentimento aflore. O defunto recebeu de nós todas as atenções e cuidados que merecia? Será que foi suficientemente amado para que desejasse ficar? Será que não provocamos ou desejamos a sua morte, mesmo que involuntariamente? Para Freud, todas as condutas funerárias visam a guardar o morto no grupo, pelo menos por um certo tempo e de modo simbólico.

No seu quarto, Clara sentia que ia se desintegrar mais uma vez. Lá embaixo, Camilo morto. Os gêmeos tinham sido um pouco seus filhos e companheiros de solidão.

Mamãe, exausta por mais um dia, pensava sem remorsos que poderia ter sido Ella no lugar de Camilo, afinal repetia-se todos os dias numa rotina pesada de cuidados com a filha enferma por mais de vinte anos.

Depois de dar vozes a todos os personagens, o narrador ultrapassa o real, dando voz também ao morto, permitindo que ele apresente o seu ponto de vista, como se pode notar na citação abaixo:

*"Se pudesse falar o morto diria:*

*- Eu quis entender porque nasci dividido em dois. Quis compreender o enigma da Vida e tudo o que encontrei foi a face da Morte, que agora me esforço por aprender.*

*Tivera que morrer: não se contentava com as débeis luzes dos olhos de Carolina. Sua existência fora atormentada: insuficiente porque só se completaria sendo também Carolina; excessiva, porque sendo parcialmente a irmã, acabava sentindo tudo em dobro, vivia duplamente a sua própria experiência, e a de sua outra parte". (113)*

Camilo e Carolina sabiam que alguma coisa ia acontecer algum dia, embora não soubessem dizer. "Iam fundir-se num só? A vida repartida em dois era transitória, impossível de se manter para sempre." (114)

Desesperada pela perda do irmão, Carolina em seu quarto sentia-se como se estivesse apodrecendo.

*"Não posso carregar esta parte por muito tempo, isso contagia, os vermes dele vão comer meus olhos, entupir minhas veias. A alma dele vai me arrastar consigo..." (124)*

Os gêmeos são, simbolicamente, uma única pessoa, representando a ambigüidade do ser humano. Ambigüidade que é masculino e feminino, vida e morte, amor e ódio e que já foi percebida no romance A asa esquerda do anjo, anteriormente analisado, através da figura do anjo. Por isso, Carolina sente-se mutilada, uma parte sua acabou de sumir.

Desde que o irmão começou a trazer para casa um amigo, o relacionamento entre os dois se modificou. Cada um desejava estar só com o rapaz. Agora, Carolina compreendia que era Camilo quem os observava enquanto o rapaz a possuía no quarto.

*"Talvez tudo tivesse sido armadilha, engodo, laço de demônio. Tinham sido usados, os três, por alguém mais astuto e lascivo." (125)*

Camilo a teria oferecido ao amigo, para viver através dela o ato amoroso com o rapaz sedutor e viril.

*"Camilo a abandonara? Trocara-a pela revelação derradeira, que seria tudo ou nada? Ela, Carolina, teria de viver com aquela indagação: perdera-o ou assimilara-o?" (128)*

Camilo foi morrer no lugar que detestava. Chegou à fazenda e pediu aos empregados que lhe indicassem o cavalo mais selvagem, parecia desnordeado. Surpresos, os empregados indicaram o animal mais brávio que estava num cercado. Camilo correu até a cerca e saltou com um vigor nunca visto, aos gritos montou no lombo do cavalo que deu um galope curto, empinou, corcoveou e derrubou-o no chão, pisoteando seu corpo. Os homens disseram que não parecia acidente. Camilo jogara-se para a morte.

Amanhecia. Renata e Martin, solitários, aguardavam para enfrentar o fim do ritual mais condolências, o enterro e depois ...

*"Renata voltou a recostar-se no espaldar alto: nunca mais sairia dali, congelada. Camilo devia estar chegando na Ilha, levado por*

*sua noiva noturna. Os mortos, resolvidos, são sempre apenas o que desejamos que sejam; podemos jogar sobre eles montes de poeira e cinza, e ficarão aquietados para nos ajudarem a suportar. Desde que esqueçamos a pergunta: onde estão?" (129)*

Enquanto Renata observava o quadro, durante o velório, imaginava que Camilo estaria nele, fazendo a travessia até a "Ilha dos Mortos". Nesta travessia ela o imaginava guiando ou acolhido por alguém que no final identifica como sendo Thanatos.

*"Não era um barqueiro: era uma mulher. O vulto da proa era ela, a Amada de Camilo: Thanatos. E se daria a ele, por baixo do sudário." (130)*

*"(...) O nome ficou ressoando dentro dela, Thanatos, Thanatos. Seria realmente uma mulher? Mas talvez isso não tivesse nenhuma importância, o nome." (130)*

Na mitologia grega, Thanatos é a simbólica personificação do fim da existência humana. Thanatos ou a Morte é um Deus masculino, filho da Noite, que o concebeu sem o auxílio de qualquer outro ser. Era irmão de Hinos, o Sono. Segundo Hesíodo, seu lugar habitual era o Tártaro; diante da porta dos Infernos, segundo outros poetas, Thanatos possuía coração de bronze e era representado sob a figura de um menino preto, com os pés tortos e acariciado pela noite, sua mãe.

Percebe-se que a figura de Thanatos é também constituída de mistérios, os mistérios do fim da existência que não são possíveis de decifração e que, por isso mesmo, são capazes de fazer com que os seres humanos vivos reflitam e avaliem suas vidas quando diante deles, como acontece com os personagens desta obra.

### 3.5 - Exílio - 1988

Neste livro encontramos a história de uma mulher que tenta restabelecer sua vida, resgatando a imagem da mãe que suicidou-se quando ela era ainda uma criança.

Estando num período de difíceis decisões, ela vai para uma pensão decadente que todos conhecem como "Casa Vermelha", onde encontrará outras pessoas que também parecem exiladas de corpo e alma.

Lya Luft elege uma narradora-protagonista que não se autonegligeia nunca e que contará com a companhia de um anão. Este a auxiliará na busca de si mesma.

Após ter se separado do marido, em virtude da traição deste, a narradora vê-se forçada a deixar também o filho Lucas de seis anos morando com o pai, porque o menino não estava preparado para largar seu mundo. A personagem divide-se entre a frustração de não ter tido mãe e o tormento de não conseguir ser a mãe que o filho exige. Por um tempo, ela atira-se ao trabalho para compensar suas perdas, mas depois sentindo-se cada vez mais angustiada, deixa tudo e vai para a cidade do novo namorado, Antônio, com o qual pretende morar. Chegando lá, hospeda-se na Casa Vermelha até que o namorado resolva alguns problemas. "Cheguei balançando entre a esperança frenética e o medo sombrio. Uma grande tempestade; Antônio, a tábua de salvação." (21)

O cenário da Casa Vermelha é dividido com outros personagens igualmente solitários e desolados, que esperam por algo indefinido. Entre eles encontra-se uma velha que após anos de loucura recupera a lucidez, mas espera pela volta de um filho que - possivelmente - morreu afogado no mar enquanto ela traía o marido. Uma mulher estranha e alheia que usava sempre roupas muito fechadas, a qual chamavam "mulher manchada". Duas moças, a Loura e a Morena, que viviam juntas e esperavam pela morte da Loura, muito doente. Um homem com ar funesto que passava a noite caminhando pelo quarto para fugir dos espíritos dos mortos que torturou. Um anão que ela não sabia onde era o quarto e seu próprio irmão Gabriel, que após algum tempo da morte da mãe, transformou-se numa criatura estranha que precisava viver isolada e por vezes sofria de crises em que expelia fezes sem parar, sujando tudo que estivesse ao seu redor.

Enquanto aguarda pela iniciativa de Antônio em lhe apresentar o filho, a personagem retoma as imagens do passado que torturam sua vida. Lembra a figura da mãe comparada a de uma rainha - uma rainha exilada - por sua beleza majestosa e também por sua indiferença. Estava sempre afastada dos filhos e trazia sempre na mão um copo. A filha não entendia por que ela sentia tanta sede, até que descobriu ter uma mãe alcoólatra, que terminou se suicidando com um tiro logo abaixo do seio.

Cita-se abaixo uma passagem necessária para entender-se a imagem que a personagem guardava deste dia:

*"Minha mãe estava deitada na cama, um pouco atravessada, quase tão branca quanto a colcha de cetim. Junto de seu grande corpo*

abandonado numa posição estranha, de costas, mas torcido para o lado Gabriel. também dormia, parecendo um bebê que acabasse de mamar; ainda tinha entre os lábios o bico escuro do seio de nossa mãe. Fiquei paralisada com aquele bico nu: o robe desalinhado. Fora Gabriel quem abrira as roupas dela daquele jeito?

Senti-me vagamente tonta, nauseada, assombrada. No quarto havia uma confusão de aromas, miasmas. O perfume dela, a bebida, o copo ainda no criado mudo. Mas havia algo mais, que não identifiquei; um cheiro doce, enternecedor, que me dava náusea. De repente tive sono; deitei-me do outro lado de minha mãe, só para descansar um pouquinho e saborear aquela tão inusitada intimidade. Pensei em apanhar um cobertor, ela estava gelada, e úmida; mas o sono foi forte demais." (76)

Vale lembrar que a personagem não viu sangue no corpo da mãe e ficou sabendo depois que havia uma grande poça embaixo da cama, mesmo assim suspeitava de que seu irmão tivesse bebido desse sangue quando procurou sugar o seio que antes lhe era negado.

Passaram então uma temporada na casa dos avós paternos com quem Gabriel ficou morando quando ela foi mandada para um internato, onde conheceu uma freira com quem travou uma profunda amizade e que conseguiu acalmar a sua revolta e rancor pela perda da mãe.

A personagem não havia conseguido decifrar o mistério da morte, não conseguia entender os motivos que teriam levado a sua rainha a cometer suicídio e não tinha maturidade para trabalhar essa morte. Por isso se revoltava, sentia-se diferente das outras garotas, sentia-se menosprezada por todos até que a Irmã Cândida começou a dedicar-se a ela.

Saindo do internato, cursou Medicina e transformou-se numa obstetra, trazendo à vida um número infinito de bebês. Casou-se com Marcos, teve um filho, esqueceu um pouco os conflitos que trazia consigo e julgava-se uma pessoa feliz até descobrir que o marido a estava traindo. Deram-se mais uma chance por causa do filho, mas ela já não conseguia dominar a desconfiança que foi mais uma vez confirmada e resolveram se separar. Brigaram pela guarda do filho que preferiu ficar com o pai, afinal era ele quem passava mais tempo com o menino, já que a mãe não tinha muitos horários disponíveis em virtude do trabalho.

Na Casa Vermelha, os dias se arrastavam. Sua angústia parecia interminável. Conseguiu um emprego na secretaria de uma escola para ter uma ocupação qualquer, mas nem assim se animava. Movia-se da cama para a banheira e às vezes descia para as refeições e foi num desses dias que encontrou quase sem acreditar o seu Anão, o mesmo que lhe fizera companhia quando passava por momentos difíceis na infância. A partir daí o Anão intrometeu-se na sua vida sem pedir licença.

"- Como foi que minha mãe pôde me deixar? indago ao Gnomo.

- É você, como pôde deixar seu filho?"

(101)

Na escola, reencontrou também a freira, mas de alguma forma a amizade de outrora havia se modificado. Irmã Cândida já estava velha e menos dada aos sentimentos pessoais. Com ela, a personagem recorda sua juventude e diz estar afastada da igreja, ao que a freira apenas responde: "Deus está sempre aí, na hora certa você vai descobrir isso." (99)

Remoendo seu passado e a dor que ainda sente, ela lembra que quando era menina se queixava: "Minha mãe se matou, meu irmão está ficando louco." E a freira dizia: "- Deus é grande."

"Deus é grande: um vasto mar compassivo; morrer será afogar-se nele? Talvez eu dava enfim compreender minha mãe. Mal equipada para a vida. O que são dois filhos quando o abismo nos convoca tão insistente? É possível que para ela a vida tenha sido como esta Casa Vermelha: um lugar onde se reúnem os errantes, os desgarrados, uma ligação fortuita e sem raízes. Tudo o que minha mãe queria era poder voltar, voltar como eu, hoje quero voltar para minha casa. Duro exílio." (108-109)

A personagem também se encontra numa situação de desespero, sente-se exilada, está sozinha numa cidade estranha, esperando que a sua tábuas de salvação - Antônio - se manifeste. Agora fica mais fácil tentar compreender a atitude da mãe que lhe causava tanta revolta. O estado depressivo em que estava se afundando, insinuava que talvez, a única solução fosse entregar-se ao "abismo".

Gabriel começa a entrar numa daquelas crises insuportáveis. Logo terá que removê-lo e nem sabe para onde. Antes, o marido tomava conta disso, mas e agora que estavam se-

parados, como Marcos iria encarar estes aborrecimentos?

Antônio marca a data da visita para o próximo fim de semana.

"... quem sabe meu nó se desata, minha vida se reorganiza, meu pânico se acalma? Preciso ver o filho dele, saber o que há."  
(121)

A visita tão esperada à casa de Antônio acontece, mas ela descobre que não terá forças para enfrentar aquela realidade. O filho que Antônio escondia era um adolescente que parecia um grande bebê, esquelético, desengonçado, comprido e todo flácido, como se lhe faltassem músculos.

"Havia em toda sua postura para com o Menino tamanha dedicação como nunca tive com Lucas, que era bonito e saudável; um tão terno amor que nele não caberia nada mais: nem eu. Senti instintivamente: aqui não há lugar para mim; eu, tão precisada, tão carente."  
(148)

Toda sua esperança desmoronou, estava tão absorta em seus próprios problemas que se tornou egoísta. Não conseguiria dividir Antônio com um filho que tomaria mais tempo do que as amantes de Marcos.

"Não havia energia nem amor que me ajudassem a partilhar com você essa sua cruz. Deixara meu próprio filho, que nem me dava tantas alegrias: não poderia dar nada àquela criatura."  
(149)

Não houve o fim de semana desejado, voltou para a Casa Vermelha desejando morrer, esquecer ... Trancou-se no quarto e não descia nem mesmo para as refeições até que a moça Morena implorou para que fosse ao hospital. Sua companheira estava morrendo. Era preciso ajudar.

A presença da morte está rondando a personagem. Analisando a sua vida sente-se atraída para ela, como sentiu-se atraída para a cama de sua mãe quando criança. Pode-se perceber a sua intimidade com este fato pela citação abaixo:

"Mergulho no mundo meu conhecido. Biom-bos escondendo sabe lá que sofrimentos finais, por toda a parte a Morte com sua gélida

*pata, quem é o próximo, quem?" [155-156]*

Depois da morte da Moça Loura voltou para a pensão. Não foi mais ao trabalho e recusou-se a atender às ligações de Antônio. Ficou decifrando o seu exílio e tentando entender-se. Algum tempo depois, Antônio conseguiu persuadi-la a tentarem de novo. Ela não acreditava nesta possibilidade, estava cansada, mas talvez pudesse haver esperanças.

Chegando lá, sente que não vai dar certo. Tem uma discussão dolorosa com Antônio, entra em crise e desmaia. Quando acorda está já na Casa Vermelha. O Anão lhe conta que Antônio a deixara ali, e que não estava com a fisionomia nada boa.

*"Estou esmagada pela vida, pela morte, pelas perdas e fracassos (...). Não consegui manter meu casamento (...). Nem consegui reter meu filho comigo; nem fui generosa com meu novo amor." [179]*

Mesmo estando muito desgastada ela decide que, se puder, voltará e tentará reconquistar o filho. Vai até a escola para dizer que não trabalhará mais e para despedir-se da freira.

Na conversa com Irmã Cândida percebe que a mesma está distante. Conheço esse ar, esse frio, essa apatia que a vai invadindo." (180)

De volta à Casa Vermelha liga para o filho, que inventa, mais uma vez, desculpas para não vê-la e mais tarde fica sabendo que a freira morreu. Novamente seu mundo desaba. O velório da Irmã é discreto, ninguém chora, mas a personagem sofre e questiona esta reação:

*"Nesta casa todo mundo respeita a vontade de Deus, mas eu queria era dizer:*

*- Quero que a vontade de Deus vá à merda, como meu irmão Gabriel já foi." [187]*

Algumas pessoas encontram na religião, através das crenças que elas apregoam, explicação ou pelo menos conforto diante de situações inexplicáveis e incontroláveis como a morte. No caso dos religiosos a aceitabilidade deste fato é comum, apesar de ser também um processo doloroso. A personagem por não ter a mesma formação das outras pessoas que participam do velório, revolta-se e questiona o fato com amargura.

Gabriel está cada vez pior. Na última visita que

fez ao irmão, este escreveu na parede, com merda, a palavra MÃE. A dona da pensão disse que se não o tirassem logo dali chamaria a polícia.

Em total desespero ela retira do armário um frasco com bolinhas coloridas que encontrou entre as coisas da sua mãe. O Anão que a acompanhou durante todas as crises na Casa Vermelha, ainda está presente.

*"Cafê, banho e decisão tomados. Alívio e sonolência. Aperto os dentes. Sei qual a casa para onde preciso ir. Minha mãe foi uma floresta de enigmas: descobrirei uma entrada e uma clareira, para saciar minha sede." (194)*

Tem-se certeza de que a personagem decide se matar para fugir de tudo que a atormenta, para livrar-se da figura do Anão que a importuna e para entender de uma vez a morte da mãe.

*"Segura nas duas mãos o frasco de bolinhas coloridas como quem agarra uma vela para morrer." (195)*

Totalmente absorta em sua dor ela vai para a cama aguardar o fim de tudo, passa-se então um tempo indefinido e ela acorda quando já é noite ouvindo um rumor fraquinho. Segue-se um silêncio no qual não consegue ordenar as idéias. Senta-se para espantar a vertigem e vê, deitado no meio do quarto, encolhido e imóvel, o Anão. Sai da cama como se caminhasse pela primeira vez depois de uma longa enfermidade e constata que o seu Anão morreu.

*"No chão, junto de sua grande cabeça, pílulas que não chegou a tomar. Um corpo tão pequeno, uma dose leve bastaria.*

*Morreu.*

*O meu homenzinho mutilado tomou a minha morte; usurpou a minha liberdade, me obriga a completar o círculo da minha procura aflita. Ou saberia que talvez haja saída? Que afinal conseguirei conviver com toda a solidão, a loucura, a merda toda, a culpa?" (197)*

O Anão (grafado com maiúscula porque ela o personificou) nada mais é do que a representação de todos os medos, aquele fantasma que surgiu dentro dela quando descobriu ter uma mãe alcoôlatra e que ficou mais vigoroso ainda quando a

mãe se suicidou e ela não conseguiu elaborar esta morte. Depois, quando ela consolidou sua vida e julgou estar segura e feliz ele sumiu, voltando à tona no momento em que viu-se exilada na Casa Vermelha.

Este Anão significa o mergulho em seu próprio "eu", durante todo o tempo em que ficou na pensão ela retomou seus conflitos, procurou entender quem era realmente. A simbólica morte do Anão que constata após a sua tentativa de suicídio, e que é seguida por um choro de soluços, pode ser entendida como um crescimento interior, como a libertação dos antigos fantasmas que a acompanhavam.

*"Já chorei assim alguma vez, eu, que tenho chorado tanto? O choro de quem dá a luz a si mesma, abre as pernas dolorosamente e sai dali entre gemidos fundos, sangue e gosma. (. . .)*

*Meu homenzinho, parte de mim, fruto das minhas trevas e nostalgias, companheiro do exílio." (198)*

Ao dar por encerrada a morte do seu Anão, ela procura pela carta que tinha escrito ao filho e rasga-a. "Vou voltar, meu filho. Marcos não vai me querer (...) mas esse é o meu caminho." (200) e deixa a Casa Vermelha.

"talvez eu não consiga chegar em casa. Talvez, chegando, não possa ficar. Quem sabe?" (201)

#### CONCLUSÃO

Percebe-se, através da análise dos romances de Lya Luft, que a sondagem do tema morte é organizada por ela em torno da consciência humana dos que ficam, com exceção do romance O quarto fechado, onde esta sondagem é inovada pela colocação da visão do próprio morto.

Através das narrações intimistas, que partem em todos os livros de uma cena presente e remontam todo um passado, Lya quer mostrar que as pessoas não são apenas o que parecem ser e este é um fato sobre o qual seus próprios personagens irão refletir.

Um ponto marcante em todos os romances é a utilização da simbologia, processo este já analisado com extrema propriedade por Maria da Glória Bordini, e que aqui se reitera. Essa simbologia pode ser notada em As parceiras pela sugestão de um jogo de xadrez, onde alguém vai movimentando as peças (vidas humanas) a seu bel-prazer. Em A asa esquerda do

anjo, há o verme sem rosto que Guísela dispõe-se a parir e que reflete ela mesma, sem identidade, e também a estátua do anjo do jazigo que ela percebe como contraditório: masculino, mas com seios; apontando o céu, mas guardando os parentes apodrecidos na terra, evocando a ambigüidade da existência humana. Esta mesma ambigüidade pode ser notada em O quarto fechado pela figura dos gêmeos, masculino e feminino, divididos e incompletos. Ainda neste romance encontramos o quadro da "Ilha dos Mortos", que Renata contempla durante o velório do filho e que ela vê como o trajeto do morto guiado por Thanatos. Em Reunião de família existem os espelhos que representam o avesso da protagonista e de sua família. E no Exílio encontramos predominantemente o símbolo do Anão que representa alguma coisa mal elaborada que vive dentro da personagem e que aparece também em As parceiras na figura de Sibila, a tia anã que é fruto de uma relação repugnante.

Existe também uma ligação comum entre as personagens femininas com relação à sexualidade e à morte. As personagens Anelise e Evelyn têm filhos, mas descobrem que não podem manter neles a vida. Alice também procria, mas no fundo sente-se aniquilada pela dominação dos filhos, Renata nega-se a protegê-los, mas padece do mesmo sentimento, assim Guísela que recusou a sua sexualidade e a personagem protagonista de Exílio, que teve uma mãe suicida e que também não consegue bastar para o filho. Parece que o fado feminino é gerar para a morte ou para a aniquilação, o que aliado a outros fatores, sugere o suicídio em As parceiras e, nos demais romances, a demência, mesmo que em graus diferenciados, onde se refugiam as demais personagens femininas.

Vários outros questionamentos relativos à morte são habilmente levantados pelas obras de Lya Luft, questionamentos que permeiam o pensamento do homem e que ultrapassam e desafiam o seu conhecimento. Porém, é válido lembrar a possibilidade de vislumbrar, antes da morte, os atos da vida humana que servirão como marca de uma passagem, pois conforme escreveu André Malraux: "A morte transforma uma vida em destino". Do mais humilde ao mais ilustre, ela nos coloca na História, como bem disse Ruffiê.

#### BIBLIOGRAFIA

- 01- BECKER, Ernest. A negação da morte. Tradução de Otávio Alves Filho, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.
- 02- BENJAMIN, Walter et alii. Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Os Pensadores)

- 03- BORDINI, Maria da Glória. Autores Gaúchos. 2.ed. Porto Alegre: IEL, vol.5, 1988.
- 04- CHEVALTER, Jean & CHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. Tradução Vera da Costa e Silva et alii. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1989.
- 05- FRANÇA, Lúcia Helena de Freitas Pinho. O medo da morte. Revista Intercâmbio, Rio de Janeiro, vol.2, p.13-19, set/dez, 1989.
- 06- HEIDEGGER, Martin. Conferência e escritos filosóficos. Tradução e notas de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os Pensadores)
- 07- IVAN, Eduardo Ciriot. Dicionário de símbolos. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Moraes, 1984.
- 08- KUBLER - ROSS, Elisabeth. Sobre a morte e o morrer. Tradução de Paulo Menezes. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- 09- LUFT, Lya. As Parceiras. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- 10- \_\_\_\_\_. A Asa Esquerda do Anjo. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- 11- \_\_\_\_\_. Reunião de Família. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- 12- \_\_\_\_\_. O Quarto Fechado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- 13- \_\_\_\_\_. Exílio. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- 14- \_\_\_\_\_. Mulher no Palco. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.
- 15- \_\_\_\_\_. O Lado Fatal. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- 16- \_\_\_\_\_. A tocha ardente das paixões. In: Sombras e Luzes: um olhar sobre o século. Porto Alegre: LPM, 1989.
- 17- REVISTA ALTO FALANTE. Santa Cruz do Sul: Alto Falante, nº 17, nov/dez. 1983.

- 18- REVISTA ALTO FALANTE. Santa Cruz do Sul: Alto Falante, nº 1, dez/1981.
- 19- RODRIGUES, José Carlos. Tabu do Corpo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.
- 20- ROSING, Tânia Maria Kuchembecker, AGUIAR, Vera Teixeira (org) Jornadas Literárias. (A mulher na ficção: a mulher como tema e como autora - Lya Luft) In: O prazer do diálogo entre autores e leitoras. Passo Fundo: PM de Passo Fundo e Universidade de Passo Fundo, 1991.
- 21- RUFFIÉ, Jacques. O sexo e a morte. Tradução de Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.